
Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso: Ensaios Teóricos para uma Revisão de Metodologias Sistêmicas¹

Carlos Henrique MARTINS²
Érica Reis Jeffery FERREIRA³
Lucas Lustosa de BRITO⁴

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

RESUMO

Este trabalho é uma revisão teórica quanto aos métodos de Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso. O presente artigo tem o objetivo narrar ambos os métodos a partir de seus conceitos, criando um caminho metodológico que apresente a imbricação dos mesmos para uma compreensão sistêmica e complexa de um objeto de pesquisa. A importância da utilização da ACD também objetiva este trabalho, a partir de reflexões que apresentem justificativas de sua respectiva utilização dentro das pesquisas realizadas pelas ciências sociais aplicadas. Metodologicamente, sob a ótica de uma abordagem qualitativa, a Revisão Bibliográfica, seguida da própria Análise Crítica do Discurso, sob a ótica de Fairclough (2003), corroboram para que se efetive este estudo a partir da soma leitura de bibliográficas seguidas de uma análise que dialogue com discursos sociais interdisciplinares inerentes ao estudo da AD e da ACD.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; Análise Crítica do Discurso; Metodologia, Discurso.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é um ensaio teórico inicial que busca compreender teoricamente um processo metodológico dentro de dois diferentes tipos de análise: a Análise do Discurso e a Análise Crítica do Discurso. Mais do que criar uma narrativa explicativa sobre os dois diferentes caminhos para a construção de análises de dados em pesquisa, a proposta também está em vislumbrar e apresentar ambos os métodos como extensões de si mesmos para a obtenção de respostas dentro de problemas de pesquisas

¹Trabalho apresentado na DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2019.

² Mestrando em Comunicação Pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: carlos@carlosmartins.biz;

³ Mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: erica_jeffy@hotmail.com;

⁴ Mestrando em Comunicação Pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: lucaslustosab@gmail.com.

diversos. Este contexto é fruto de um caminho interdisciplinar que caracteriza novos processos de análise dentro de pesquisas com abordagens qualitativas ou quantitativas, abrindo horizontes e possibilidades de enxergar trajetórias, fatores, realidades e discursos que não deveriam ser lidos apenas com olhares simples, obviedades, ou ainda recortes extremamente específicos.

Apesar do cenário supracitado, ainda parece existir um contexto onde o pesquisador se coloca unicamente disposto a olhares que, muitas vezes, desconsideram inúmeras possibilidades e fatores que são intrínsecos e fazem com que um objeto de pesquisa se comporte de uma determinada forma. Neste sentido, o objetivo não é discorrer sobre limitações quanto ao olhar do próprio pesquisador, mas sim sobre a possibilidade de, a partir de abordagens metodológicas de análises, encontrar caminhos e respostas que estão arraigadas e enraizadas dentro de um complexo organismo vivo que promove, a todo o momento, diferentes tipos de discursos. Estes discursos, no entanto, são frutos de práticas sociais milenares que, por vezes, encobrem a própria construção lógica de um raciocínio sobre algo, tendo como ponto de partida uma diretriz hegemônica que, se não vista criticamente, naturaliza relações de poder dentro de um enunciado.

Conceitualmente, parece existir um caminho que apresente a Análise do Discurso e a Análise Crítica do Discurso muito mais complementares em suas abordagens do que um cenário de distanciamento entre os dois métodos. Com base nas definições encontradas, o que parece existir são possibilidades de avançar ainda mais o olhar enquanto pesquisador sobre um objeto e seu respectivo problema, considerando tudo o que está para além de um contexto de fácil identificação ou percepção. É um caminho que, por muitas vezes, parece apresentar um inesgotável percurso de descobertas naturalizadas, que são processos alicerçados dentro dos sistemas sociais e que sustentam os mais diferentes tipos de discursos.

A palavra discurso e suas considerações são narradas a partir de diferentes ciências. Neste estudo, fruto de pesquisadores da comunicação social, se faz presente uma percepção do discurso - não enquanto uma definição fechada - mas pensada dentro de um contexto de movimentos que constroem sentidos a partir das representações e das relações sociais que são estabelecidas diariamente dentro da sociedade. É ao olhar para estes estudos cada vez mais empíricos, com a necessidade de se compreender a construção de práticas sociais que moldam modelos mentais e comportamentos, que

pesquisadores podem se apropriar dos métodos de análises aqui apresentados para ganharem forças em suas pesquisas e se distanciarem apenas de inferências. Neste sentido, a linguagem surge inerente ao discurso como um meio de exercer dominação e forçar modos operacionais da sociedade.

O contexto narrado até aqui é um caminho prévio de uma tentativa que almeja instigar novos olhares condicionados ao que, de fato, a palavra crítica se propõe etimologicamente ser. É ainda a construção de um processo de pensamento que apresenta que estudar discursos sociais é um caminho que está para além das estratégias mercadológicas, intencionais ou ainda oriundas de outros contextos, e, mesmo que sejam, são construídas dentro um complexo e gigantesco caminho que antecede os pontos de partidas de um pesquisa.

CAMINHOS CONCEITUAIS: ANÁLISE DO DISCURSO

A análise do discurso é um método analítico que tomou força a partir de 1970 e que utiliza como ferramenta a linguagem em seu caráter ideológico: o discurso. Tal análise permite ao pesquisador identificar o posicionamento e intenções do emissor e, dessa forma, refletir de maneira mais embasada acerca da produção de sentidos da mensagem, bem como sua circulação e consumo.

A análise do discurso é um campo de estudo que oferece ferramentas conceituais para a análise dos acontecimentos discursivos, na medida em que toma como objeto de estudos a produção de efeitos de sentido, realizada por sujeitos sociais, que usam a materialidade da linguagem e estão inseridos na história. (GREGOLIN, 2007, p. 13)

Gregolin (1995) observa que o que hoje chamamos de análise do discurso, na verdade, tem suas raízes há mais de dois mil anos, na Retórica Grega. Brandão (2004) aponta o caminho trilhado, nos dois últimos séculos, pelos estudos da linguagem até a consolidação, na pesquisa científica, da análise do discurso enquanto método analítico. A pesquisadora aponta que a primeira contribuição expressiva foi de Ferdinand de Saussure, ao fazer a distinção entre fala e língua, imputando como objeto da linguística apenas a última, por entender a fala enquanto assistemática e não passível de análise científica. Ainda segundo Brandão (2004), tal dicotomização foi superada por Mikhail Bakhtin, ao valorizar a fala e encará-la como manifestação individual da língua

carregando, portanto, elementos passíveis de análise. Tal entendimento permitiu o avanço dos estudos ao incluir também o contexto enquanto matéria linguística. Por isso, a mera análise semântica já não era mais suficiente para dar as respostas buscadas pelos estudiosos.

Para Bakhtin, a palavra é o signo ideológico por excelência, pois, produto da interação social, ela se caracteriza pela pluralidade. Por isso é o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia; retrata as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes e pontos de vista daqueles que a empregam. Dialógica por natureza, a palavra se transforma em arena de luta de vozes que, situadas em diferentes posições, querem ser ouvidas por outras vozes. (BRANDÃO, 2004, p. 9)

Posteriormente, Brandão (2004) aponta que Barthes também ofereceu sua contribuição ao reconhecer o caráter ideológico do signo. “Para ele, a ideologia deve ser buscada não apenas nos temas em que tem sido mais facilmente percebida, mas, sobretudo, nas formas, isto é, no funcionamento significante da linguagem, que é o lugar em que se dá a sua materialidade” (BRANDÃO, 2004, p. 10).

Foram com todas estas contribuições anteriores que, de acordo com Brandão (2004) os formalistas russos deram início aos estudos do que seria chamado de discurso. Em 1952, Harris, no trabalho *Discourse Analysis*, afirmou a possibilidade de ultrapassar e mera análise da frase e, à luz da linguística distribucional americana, dar importância aos enunciados. A autora aponta ainda que Jakobson e Benveniste, da tradição russa, também desenvolveram estudos acerca da enunciação. Brandão (2004) observa que estes dois trabalhos já começaram a evidenciar duas correntes diferentes na AD, com diferentes maneiras de entender o discurso: uma americana, que entende a teoria do discurso enquanto extensão da linguística, e outra europeia, em que o discurso seria o sintoma de uma crise interna da linguística.

Uma vez apontado o percurso histórico inicial da AD, cabe aqui a breve reflexão acerca de alguns conceitos-chave para melhor entendimento da Análise do Discurso, a saber, discurso e ideologia. Na concepção de Gregolin (1995), o discurso é um suporte abstrato que sustenta vários textos. Nestes textos, estaria presente a ideologia, que seria o conjunto das representações dominantes em uma determinada classe.

Como existem várias classes, várias ideologias estão permanentemente em confronto na sociedade. A ideologia é, pois, a visão de mundo de determinada classe, a maneira como ela representa a ordem social. Assim, a linguagem é determinada em última instância pela ideologia, pois não há uma relação direta entre as representações e a língua. (GREGOLIN, 1995, p. 17)

A conceituação de Gregolin (1995) contribui por expor muito claramente o entendimento quanto ao que seria a ideologia e como esta está relacionada ao discurso. Esta conceituação, no entanto, não é hegemônica entre os distintos estudiosos da Análise do Discurso, para os quais tais conceitos podem sofrer variações e, por isso, a maneira de se realizar a AD varia de acordo com a corrente ou o teórico em que esta se respalda. Para fins de exemplificação, Gregolin (1995) aponta como poderia ser realizada uma AD à luz da semiótica greimasiana. A autora pontua que, neste entendimento, a primeira etapa da geração de sentidos de um texto é a oposição entre dois termos, reconhecida a partir da identificação do tema sobre o que o texto “fala”.

O texto é fundado sobre relações orientadas, primeira condição para a narratividade. Assim, se ele fala da relação entre a vida e a morte, a narratividade vai-se desenvolver em um determinado sentido, porque o princípio fundamental da narratividade é a transformação, e o encadeamento desses valores produz a sucessividade do texto. (GREGOLIN, 1995, p. 15)

A partir da identificação da oposição presente no texto, apresentam-se os valores fundamentais, que podem ser tomados como positivos - a vida, para seguir o exemplo utilizado pela autora - ou negativos - a morte -. O segundo fator apontado por Gregolin (2014) determinante do sentido é a narrativização dos valores fundamentais a partir de um sujeito e que se diferencia de outros textos semelhantes que possuem os mesmos valores e mesmo tipo de narrativa por meio da estrutura discursiva. Esta trataria de envolver os valores fundamentais presentes no texto de modo a associar o que é se considera bom aos valores positivos e, o contrário, aos negativos. A autora afirma ainda que, no patamar mais superficial da geração de sentidos, encontra-se o discurso, que seria o item mais próximo da manifestação textual. “As estruturas narrativas convertem-se em discurso quando assumidas pelo sujeito da enunciação: ele faz uma série de escolhas, de pessoa, de espaço, de tempo e de figuras, contando a história a partir de um determinado ponto de vista” (GREGOLIN, 1995, p. 16). Por fim, Gregolin

(1995) relaciona discurso e ideologia, expondo que ambas são inerentes dentro de suas próprias existências enquanto materialização de uma ideia.

A Análise do Discurso à luz da semiótica greimasiana pode ser muito eficiente para dar respostas a pesquisadores que buscam análises textuais. Porém, se o pesquisador busca analisar um tipo de texto específico, como o discurso jornalístico, por exemplo, há outros teóricos da AD em que o pesquisador pode se alicerçar e que melhor o balizem para que encontre o tipo de resposta que busca, no tipo textual que seja o objeto da busca. Destacam-se, na Análise do Discurso jornalística, Patrick Chareadeau, Bethania Mariani, Christa Berger e Márcia Benetti. Também se destaca, na quase incontável pluralidade de tipos de Análise do Discurso, a Análise do Discurso Crítica, metodologia em que o presente texto se aprofundará. Esta permite alguns conteúdos, como implícitos, por exemplo, que não são afeitos a alguns teóricos da AD simples.

A partir das considerações feitas e tomando-se a relação entre texto, discurso e ideologia, é possível afirmar-se que a Análise do Discurso, de modo geral, tem o intuito de identificar o que e como determinado texto diz algo, e por que este diz o que diz. Entretanto, para realizar tal análise, há diferentes correntes com distintas concepções do “modo de fazer” a análise.

O fato de a AD tomar uma unidade de análise maior do que a frase fez que o estudo do “texto” passasse a ocupar lugar central nos estudos linguísticos. E, exatamente por tomar esse objeto complexo, a AD seguiu várias direções, com diferentes concepções epistemológicas e metodológicas. O que as unifica, no entanto, é o fato de tomarem o seu objeto do ponto de vista linguístico e de procurarem, no texto, o estudo da DISCURSIVIZAÇÃO (GREGOLIN, 1005, p. 14)

É justamente pela complexidade do objeto que, dentro do grande escopo que representa a Análise do Discurso, diferentes correntes e tradições surgiram, a fim de obter as respostas que buscavam.

CAMINHOS CONCEITUAIS: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Os diferentes enfoques discursivos que a Análise do Discurso assume toma diferentes perspectivas perante os mais diversos olhares de teóricos, que buscam analisar os aspectos discursivos a partir de perspectivas que valorizam a estrutura textual, e que tem suas origens em estudos linguísticos principados na década de 50, na

Grã Bretanha - enfoque na perspectiva de Zellig Harris - e toma uma forma consistente a partir da década de 70 majoritariamente por estudiosos franceses como Jean Dubois e Michel Pêcheux, recebendo a alcunha de Análise do Discurso Francesa.

Porém, analisando as perspectivas de Análises de Discurso apresentadas até o final da década de 80, identifica-se uma análise que pouco permeia o olhar crítico que se fortalece a partir dos aspectos sociais, discursivos e político-ideológicos, por exemplo. Desta forma, no final da década de 80 e início dos anos 90 a conhecida Análise Crítica do Discurso surge pelos estudos apresentados por Teún Van Dijk (1984), Norman Fairclough (1989) e Ruth Wodak (1989), os quais lançam um entendimento analítico que objetiva identificar, por meio das práticas discursivas, relações de poder e dominação e questões ideológicas. “Os analistas críticos do discurso pretendem mostrar o modo como as práticas linguístico-discursivas estão imbricadas com as estruturas sociopolíticas mais abrangentes de poder e dominação” (KRESS, 1990, p.85).

Os múltiplos enfoques que a Análise Crítica do Discurso assume como ferramenta metodológica é o que a caracteriza como uma análise que leva em consideração não apenas o discurso, como outras formas metodológicas como uma análise semiótica, que compõem uma gama analítica mais abrangente e também mais consistente.

Apenas a investigação interdisciplinar poderá lograr que relações tão complexas pareçam mais transparentes. Em uma investigação desse tipo, a análise de discurso, e mais concretamente a Análise de Discurso Crítica (ADC), não é mais que um dentre os elementos de múltiplos enfoques de que necessitamos. Não apenas devemos concentrar-nos nas práticas discursivas, mas também devemos nos ocupar de uma ampla gama de práticas materiais e semióticas. Desse modo, a investigação em ADC deve ser multiteórica e multimetodológica, crítica e autocrítica (Wodak, 2003, p.103).

Um dos principais teóricos da Análise Crítica do Discurso é o estadunidense Norman Fairclough, o qual apresenta um trabalho que propõe que os discursos são imbuídos de ideologia, influenciando nas práticas sociais que são reforçadas pelo próprio discurso, se as pessoas têm consciência das relações que os discursos têm para com as práticas sociais cotidianas, e o discurso como potencial agente de mudança na sociedade. Fairclough (2003) aponta que neste método a contextualização atua como baliza da análise empregada, tendo em vista as relações sócio-históricas em que este discurso foi construído.

Entender o discurso como possíveis formas de reforçar discursos hegemônicos, e que não constroem uma sociedade com perspectivas de igualdade, é uma premissa importante para um analista crítico do discurso. Lançar olhares mais atentos, com o objetivo de identificar o que está subliminarmente posto é, também, uma prática a ser trabalhada.

A invisibilidade é alcançada quando as ideologias são trazidas para o discurso não como elementos explícitos do texto, mas, sim, como as pressuposições de pano de fundo que, por um lado levam o produtor de texto a 'textualizar' o mundo de maneira específica e, por outro lado, levam o receptor a interpretar o texto de uma maneira específica. Como regra geral os textos não exibem suas ideologias na superfície. Eles posicionam seu receptor por meio de pistas de uma maneira que ele traz ideologias para a interpretação dos textos - e as reproduz neste processo. (FAIRCLOUGH, 1989, p.85).

Desta forma, Fairclough (2001) propõe um modelo analítico que leva em consideração o que tem como Modelo Tridimensional de Análise do Discurso, modelo este que estimula a percepção da dialogicidade de discurso e sociedade. Esta tridimensionalidade é possível a partir de uma análise textual, das práticas discursivas e das práticas sociais. "Qualquer 'evento' discursivo (isto é, qualquer exemplo de discurso) é considerado como simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social" (FAIRCLOUGH, 2008, p. 22)

A análise textual leva em consideração os aspectos gramaticais e suas possíveis articulações que, analisando a estrutura textual, coesão, gramática, vocabulário podem reverberar em sentido de reforço ideológico. A análise discursiva, por sua vez, é conhecida como análise interpretativa, por ser a fase que possibilita uma interpretação do texto colocado, a partir das diferentes perspectivas propostas, assim podendo, o analista inferir posições acerca do objeto analisado. A análise da prática social é tida como uma análise macrossociológica, levando em consideração contextos históricos e como o discurso resvala uma perspectiva permeada por contextos históricos, reforçando, ou não, ideologias.

Seguindo nas lentes de análise dos teóricos críticos do discurso, levando em consideração o discurso como uma forma de poder e dominação, emergem os estudos do holandês Teún Van Dijk, trazendo também os olhares críticos acerca do discurso como uma forma de afirmação de ideologia e de hegemonia, trabalhando também os

discursos, principalmente perante as questões de discurso e racismo, e o discurso de negação do racismo.

O autor discute o quão os discursos racistas têm raízes estruturais na sociedade, sendo um processo discursivo que, recorrentemente, é escusado e continua cerceando a sociedade com as suas ideologias colonialistas e escravocratas.

A fala negativa sobre grupos minoritários pode ser considerada tendenciosa, preconceituosa, racista e incoerente com os valores gerais de tolerância. Isso significa que tal discurso precisa ser amenizado, mitigado, escusado, explicado ou gerenciado de uma forma que não possa se voltar contra o falante ou o escritor. (DIJK, 2008, p.195)

Para reforçar a legitimidade dos estudos do teórico, o mesmo propõe uma análise que percorre um caminho metodológico, que se difere do olhar convencional apresentado por outros analistas críticos do discurso que entendem a relação discurso-sociedade, Van Dijk (2008) vai além, ao propor o percurso de análise discurso-cognição-sociedade, levando em consideração o conhecimento que o indivíduo carrega como dispositivo interpretativo. Para o autor, o discurso não atua apenas nas perspectivas micro ou macrosociais, o discurso vem de uma estrutura discursiva racista tendenciosa, que está enraizada, “Os discursos não são só formas de práticas interacionais ou sociais, mas também expressam e transmitem sentidos, e podem assim influenciar nossas crenças sobre imigrantes ou minorias.” (DIJK, 2008, p.138)

DISCURSO E MUDANÇA SOCIAL: REFLEXÕES TEÓRICAS DA AD E ACD

O título desta etapa do trabalho resume, em parte, e a partir dos pensamentos de Fairclough (2016), a necessidade de novos olhares e métodos de análise para as pesquisas. A mudança social é uma discussão para longos trabalhos e se materializa na complexidade de processos discursivos que afetam a vida dos indivíduos e ressignificam a sociedade e a cultura em diferentes níveis ao passar dos dias.

Ambas as abordagens de análises aqui apresentadas são caminhos que, inicialmente, se pensadas a partir de uma problematização lógica, deveriam existir como um hábito e um modelo mental de pensamento, leitura e interpretação cotidiana de fatos. No entanto, considerando os inúmeros fatores históricos que apresentam a

construção do Brasil, por exemplo, a partir de relações hegemônicas institucionalizadas por meio de processos de dominação que se legitimaram ao longo dos anos, a leitura de discursos precisa avançar e se fazer ainda mais presente dentro dos estudos que afetam as ciências sociais aplicadas e as próprias teorias sociais, distanciando-se, mas sem desconsiderar, aquelas que analisam apenas o padrão linguístico presente nos próprios discursos.

[...] O uso da linguagem é, entretanto, constitutivo tanto de formas socialmente reprodutivas quanto de formas criativas, socialmente, transformativas, com a ênfase em uma ou outra em casos particulares dependendo de suas circunstâncias sociais (por ex., se são geradas dentro de relações de poder amplamente estáveis e rígidas ou flexíveis e abertas). Se o uso da linguagem é formado socialmente, ele não é formado de maneiras monolíticas ou mecânicas [...] (MAGALHÃES, 2001, p. 33)

À voz de Fairclough (2016, p.22), “Minha tentativa de reunir análise linguística e a teoria social está centrada numa combinação desse sentido mais socioteórico de ‘discurso’ com o sentido de ‘texto e interação’ na análise de discurso orientada linguisticamente”. O discurso linguístico e textual, seguido de um processo de análise que busca compreender as próprias práticas discursivas (produções, distribuição, consumo), parece já se apresentar em ambos os métodos, porém com formas e perspectivas diferentes. Michael Foucault, para materializar esta ideia, já se posicionava como um teórico social que desenvolvia a análise de discurso como forma de análise social, lembra Fairclough (2016).

Para realizar uma análise crítica de discurso é fundamental considerar as relações de poder que vão para além da matéria discursiva cristalizada no texto. O texto é, na verdade, apenas a expressão de uma instância enunciativa comprometida com uma concepção de poder e exprime o desejo de fazer crer. (DALMONTE, 2013, p. 65)

No entanto, e para além destas etapas supracitadas, se apresenta ainda o discurso como prática social de ideologia e hegemonia, de acordo com o Modelo Tridimensional já descrito neste trabalho. É nesta etapa que se evidencia que a construção de análise proposta por Fairclough, corroborado em uma sintonia de pensamentos com os escritos de autores como Van Dijk (2008) e Wodak (2003), busca ir além das leituras epistemológicas sobre a própria linguagem, do texto, mas sim de

buscar novas mudanças e transformações sócio-políticas existentes nos diferentes tipos de discursos, e, neste sentido, a linguística apresentaria em suas mutações e rastros de escritas os primeiros passos de análise para que descubra novas possibilidades de olhares.

Em síntese, todo este processo apresentado à luz dos estudos de Fairclough é contemplado a partir de três questões básicas, como apresentada por Luciana Oliveira e Marco Antônio Carvalho (2013): (1) as relações dialéticas entre discurso e práticas sociais; (2) o grau de conscientização que as pessoas têm (ou, o mais provável para ele [Fairclough], não têm); (3) o papel essencial do discurso nas mudanças sociais.

O que se apresenta, respectivamente, é a percepção dialética que existe entre discurso e práticas sociais. Uma infinita dualidade cíclica que apresenta o próprio discurso como mantenedor e constituinte das práticas sociais que, por sua vez, altera e constrói o discurso. “O uso da linguagem dá sua própria contribuição à reprodução e/ou à transformação da sociedade e da cultura, incluindo-se as relações de poder. É aí que reside o poder do discurso; e é por isso que vale a pena lutar por ele.” (Fairclough e Wodak, 2005, p.390). Desta forma, considerando este primeiro pilar apresentado, a relação dialética entre o discurso e prática social subsidia a justificativa de se criar e se pensar em pesquisas que não desassociem estes olhares inteiramente interdependentes.

Como o discurso e a vida social têm dado origem a teorias diferentes em várias disciplinas. A ACD, como síntese transformadora de outras teorias, além de juntar visões diferentes relativas ao discurso, também analisa o discurso a partir de perspectivas diferentes, contribuindo para o enriquecimento mútuo dessas diversas terias e, principalmente, para o desenvolvimento de uma metodologia mais abrangente. (MAGALHÃES, 2001, p. 27)

O grau de conscientização que as pessoas têm aparece como um segundo aspecto a ser observado. Uma linha essa que pode ser, e é, remontada em diversos estudos de diferentes áreas sociais, com grandes focos para o processo educacional da população como um fator que potencializa o processo de criticidade de leitura de discursos sociais e, conseqüentemente, das práticas sociais. Sob a ótica da comunicação social essa questão se materializa no processo discursivo midiático, tido, inegavelmente, como um meio de propagação e de legitimidade de discursos. O que se observa dentro deste campo, quando aplicado à pesquisa, não é a observação ou a investigação do que se fala para quem se fala e com qual propósito, mas também, para além destas importantes

diretrizes, entender dentro de qual contexto ideológico se constituiu este respectivo discurso e qual a sua intenção político-social para com públicos específicos.

A terceira questão apresentada, o papel essencial do discurso nas mudanças sociais, é um reforço da importância de se construir pesquisas com abordagens e conclusões que transformem o meio, a sociedade. Parece sempre existir de forma nítida, para estes métodos, que a investigação crítica é um caminho para se desvendar práticas que se enraizaram por meio de relações de poder na sociedade, e que não favorecem alguns grupos específicos. Neste sentido, a pesquisa começa a promover um novo tipo de discurso desvelado a partir de um discurso já existente.

Para os caminhos finais desta reflexão, somando a este momento tudo o que já foi supracitado, coexiste nesta perspectiva metodológica um cenário que não se estabiliza ou permanece apenas em suas contribuições analíticas, ou ainda, nas imensas descrições que sejam inerentes a um problema de pesquisa. O que surge a partir das leituras realizadas é um olhar para a pesquisa e para as suas demandas científicas como um campo de batalhas. Um processo, por vezes, militante. Uma busca de informações, resultados e conclusões que busquem enfrentar as relações sociais e, assim como os próprios meios midiáticos, lutar por transformações das práticas discursivas, ou ainda, fazer com que a prática discursiva oriunda da academia, por exemplo, também se faça presente e forte.

As ideologias embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o status de senso comum; mas essa propriedade estável e estabelecida das ideologias não deve ser enfatizada, porque minha referência a transformação aponta a luta ideológica como dimensão da prática discursiva, uma luta para remoldar as práticas discursivas e ideologias nelas construídas no contexto da reestruturação ou da transformação das relações de dominação. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117)

Van Dijk corrobora,

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso de poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político. Com essa investigação de natureza tão dissidente, os analistas críticos do discurso adotam um posicionamento explícito e, assim, objetivam compreender, desvelar e, em última instância, opor-se à desigualdade social. (VAN DIJK, 2010, p. 113)

Não que toda pesquisa surja para opor-se à uma realidade social, mas, se caso for, fica evidente que a utilização da Análise Crítica do Discurso subsidia não apenas o pesquisador em sua busca por novos olhares dentro de processos analíticos, mas também as complexidades da sociedade em sua formação.

Quanto aos pesquisadores, a prática do tripé *ensino – pesquisa – extensão* parece ter aqui a oportunidade de se materializar. O campo de batalha é a própria sociedade enquanto um organismo complexo. Já as suas relações hegemônicas, relações de poder e dominação - para pesquisadores da comunicação intermediadas por discursos e discursos midiáticos -, são os oponentes que se sustentam em crenças e processos hegemônicos enraizados. Sob a luz do conhecimento, da leitura crítica e da necessidade de se descobrir novos contextos sociais, o pesquisador tem a chance de vencer cada adversário a partir da extensão de suas pesquisas, possibilitando aos indivíduos a revelação de cada descoberta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo e levantando possíveis diferenças metodológicas a partir de objetos e perspectivas analíticas diferentes, é possível ressaltar os diferentes locais que ambos os métodos se encaixam diante problemas de pesquisa diversos, o que é preponderante no momento da escolha da lente analítica adequada é a posição crítica que o analista deseja lançar sobre seu objeto, levantando possibilidades e questionamentos que extrapolam a capacidade discursiva de apenas comunicar, observando o discurso como uma possibilidade de reafirmar poder, e interferir na construção social.

Este trabalho visa ressaltar as características preponderantes em cada método de análise observando desde sua origem, e em que contextos foram postuladas, até os enquadramentos mais recentes, observando suas possibilidades metodológicas ao serem aplicadas diferentes objetos, com isso, trazendo a luz as diferenças que cada metodologia apresenta no resultado final da pesquisa.

Ao observar um discurso, o analista deve, em primeiro momento, questionar em que níveis os discursos se debruçam acerca de cada assunto, e quais os questionamentos possíveis que ele deseja revelar diante do receptor, desta forma, definindo a sua posição.

Os analistas do discurso têm um objetivo claro, destrinchar o discurso em busca de um reforço ideológico assim decifrando os códigos discursivos, já os Analistas Críticos do Discurso procuram realizar uma análise para além dos aspectos limitados aos enquadramentos do texto, imagem e etc.

Entender a Análise Crítica do Discurso como uma metodologia que ressalta um olhar crítico acerca de, não só um discurso, mas também um contexto histórico, o desenho social é o que faz desta metodologia um instrumento que revela o olhar valioso que o analista deve lançar sobre os diferentes discursos que são permeados por ideologias, em certos níveis, problemáticas, e que devem ser revistas em face a uma sociedade em construção.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

DALMONTE, Edson Fernando. **O jornalismo enquanto formação discursiva: as regularidades enunciativas como estratégia de proposição de verdades**. In: Teoria e Prática da Crítica Midiática. DALMONTE, EF (organizador). Salvador: EDUFBA, 2013.

DIJK, Teún A. van. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. New York: Longman, 1989.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

FAIRCLOUGH, N. 2003. *Analysing Discourse. Textual Analysis for Social Reserach*. London, Routldge.

FAIRCLOUGH, N; WODAK, R. *Análisis Crítico del discurso*. In: VAN DIJK, T (org.). *El discurso como interacción social: estudios sobre el discurso II, una introducción multidisciplinaria*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2005, p. 367-404

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades.** Comunicação, mídia e consumo. São Paulo, V. 4 n. 11, p. 11-25. Nov. 2007.

_____. **A Análise do discurso: conceito e aplicações.** São Paulo, Alfa, 1995.

KRESS, Gunther. **Critical Discourse Analysis.** In: W. G. (org.). Annual Review of Applied Linguistics 11. p. 84-99, 1990.

MAGALHÃES, Célia Maria. **Reflexões sobre a análise crítica do discurso.** Belo Horizonte; Faculdade de Letras, UFMG, 2001

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Estudos do Discurso: perspectivas teóricas.** Luciano Amaral Oliveira (org). 1º edição; São Paulo, Parábola, 2013

WODAK, R. **De qué trata el análisis crítico del discurso (ADC). Resumen de su historia, sus conceptos fundamentales y sus desarrollos.** In: R. Wodak & M. Meyer (orgs.). Métodos de análisis crítico del discurso. Bracelona: Gedisa, 2003.